

CORRESPONDÊNCIA ABERTA

CARTA A HSUAN-YING HUANG

janeiro de 2011

Hsuan-Ying Huang é psiquiatra pela National Taiwan University, e faz doutorado em Harvard, pesquisando, em antropologia, a expansão da psicanálise e das psicoterapias na China contemporânea. Mora em Beijing, para estudo de campo. Em outubro de 2010, na primeira conferência da International Psychoanalytical Association (IPA) na Ásia, apresentou o seguinte artigo: “Shame and Losing Face in Taiwanese Culture: a Clinical and Cultural Perspective” (“A vergonha e o ‘perder a face’ na cultura de Taiwan: uma perspectiva clínica e cultural”), a que tive acesso em seguida, porque iniciamos uma constante correspondência.

Não conheci Hsuan-Ying pessoalmente – uma pena. Ele foi apresentado a mim com entusiasmo pela Dra. Ba Tong, por email. Ela é uma das primeiras chinesas a se formar para a clínica em psicanálise no país – após o banimento de nossa prática durante a Revolução Cultural. (Ba Tong, como habitual em sua cultura, fala seu sobrenome antes do prenome. Já Hsuan-Ying é o prenome do Dr. Huang, como ele assina suas cartas a mim).

Procurei Ba Tong quando estive em Beijing, em setembro de 2010. De fato, procurei todos os psicanalistas chineses em Beijing que pude encontrar na internet, e apenas ela respondeu. Hsuan-Ying diz que ela é de rara disposição ao trabalho e à pesquisa, um destaque entre os mais preparados e interessados chineses. Fui visitá-la e, por extrema cortesia dela, dividimos seu jantar. Enquanto ela me contava seu trabalho, apresentava os peixes e vegetais à mesa de uma refeição elaborada e variada em sabores, muito gostosa. Na expectativa de alguma surpresa sobre a clínica, a minha foi ver que Ba Tong faz uma leitura de sua atividade que, escondidas as referências geográficas, não denunciaria ser mais chinesa que inglesa, talvez francesa, argentina ou brasileira. Uma psicanálise clássica e rigorosa, conduzida em chinês. Desse contato, nasceu a troca com Hsuan-Ying, e meu desejo de transmitir a ele, estudioso das nuances da psicanálise pelo planeta, a peculiaridade do que aprendi aqui no Brasil, com uma proposta de futuro que aproxima São Paulo de Taipei, ou Boston de Beijing. Eis o texto da carta aberta a seguir.

Caro Hsuan-Ying,

A história que lhe contarei aqui é sobre como passei a pensar que a *vergonha* pode ser um tema maior e global para a psicanálise do momento contemporâneo, um conceito que pode funcionar como ponte para trazer aprendizado e compreensão entre os países, especialmente quando imagino quais experiências podem advir da prática clínica na Ásia – e isto é apenas mais uma maneira de expressar o quanto me entusiasmei sobre seu bonito artigo.

Na última vez em que lhe escrevi, disse que alguns trabalhos importantes que eu vira sobre vergonha eram de “cinco anos atrás”, e errei as datas. 2002 é a ocasião correta. Naquele ano, o Dr. Éric Laurent lembrou a audiência de uma palestra na França o que Lacan havia dito aos estudantes em Paris em 1970: “é que, não demasiado, mas o suficiente, me acontece provocar-lhes vergonha”.

Laurent comentou:

“A vergonha é um afeto eminentemente psicanalítico que faz parte da série da culpabilidade. Uma das bússolas da ação analítica, pela qual Lacan retraduziu a franquia psicanalítica freudiana, é de jamais desculpabilizar. Quando o sujeito diz que é culpado, tem excelentes razões para ser, tem sempre razão. É o que diz a hipótese do sentimento inconsciente de culpabilidade: o sujeito tem sempre razão ao ser culpado. Simplesmente, ele não sabe por quê. E, contrariamente às psicoterapias, a psicanálise reconhece, admite essa culpabilidade. Nesse sentido, ‘provocar vergonha’ inscreve-se na vontade de cristalizar a culpabilidade” (p. 270 das transcrições do seminário de Jacques-Alain Miller de 2002).

Lacan recomendava que a prática clínica sempre afastasse a angústia, mas nunca a culpa. Jacques-Alain Miller acrescentou alguns pensamentos à fala do Dr. Laurent. Ele não discordou, mas sugeriu que seria melhor fazer uma distinção mais clara entre vergonha e culpa. Nesse esforço, Miller acompanha G. Piers, a quem fui introduzida por seu artigo. Mas a distinção que o Sr. Miller realizou foi diferente.

Vergonha, disse ele, é mais íntima que culpa, porque a culpa seria mobilizada por fatores sociais e morais. Vergonha, de acordo com Miller, é um “afeto primário da relação ao Outro”. A citação: “dizer que é um afeto primário é, sem dúvida, diferenciá-lo da culpabilidade. Se quisermos tomar essa via, diremos que a culpabilidade é o efeito sobre o sujeito de um Outro que julga – com ‘o’ maiúsculo – , um Outro do qual esse sujeito é transgressão” (p. 296).

Mas quando se trata de vergonha, o Outro não é julgador, ele apenas vê ou dá algo a ser visto. O Outro toca a pessoa no nível mais primitivo, como quando engendra o constrangimento pela nudez, por exemplo – independentemente de qualquer transgressão. Miller faz uma correspondência adicional: *culpa* está relacionada com *desejo*, enquanto *vergonha*, por ser radicalmente íntima, está relacionada com o que Lacan chamou “jissance” (um termo sem tradução em inglês, deixado em francês nos textos lacanianos traduzidos para aquele idioma).

CULPA	VERGONHA
DESEJO	JOUISSANCE
OUTRO JULGADOR	OUTRO QUE VÊ E DÁ ALGO A SER VISTO

“Jouissance”, em Lacan, é um conceito sofisticado, que guarda ambigüidade e paradoxo. Há sempre um esforço poético quando os psicanalistas tentam defini-lo, porque “jissance” é próximo de uma experiência indescritível.

Em francês, o termo pode ser usado como sinônimo para orgasmo, e tem ressonâncias de prazer, gozo, e, ao mesmo tempo, dor e sofrimento. Consigo ver alguma proximidade desse termo com o grego clássico *agon* – que originou, em inglês, *agony* (agonia). Os gregos usavam esse termo para nomear a experiência dos atletas quando desafiados em esportes e jogos. Na agonia existe também uma relação com a morte, a sensação de estar vivo, o enfrentamento de extremos. Está ligada aos limites da vida e do corpo, à perspectiva da morte, ao sublime.

Duas referências me vêm em mente quando penso em *agonia*: o livro de Johan Huizinga, *Homo Ludens*, que apresenta o ser humano como um jogador espontâneo e discute o termo grego *agon*, e o livro de Roland Barthes *Le sport et les hommes* (O esporte e os homens), no qual esportes são apresentados na posição ambígua entre, primeiro, um fenômeno social – que provê identidade e distinção para os homens entre outros (aqui podemos pensar, com Piers, que o ego-ideal estaria envolvido) – e, em segundo lugar, um fenômeno humano básico (primário) de afirmação do espírito, da linguagem humana, de nossas vidas e nossos elementos simbólicos, contra o desafio da natureza, o caos, o espaço e o tempo ilimitados, ou a força da Física que tende a destruir o corpo humano e ameaça nossa existência. Os esportes, e nossa agonia neles, oferecem ao homem tanto o posicionamento social como este outro nível de “jissance”, que é sentir a perspectiva da morte e ter um senso intenso de vida e prazer. Eles condensam ambas as experiências freudianas, erótica e tanática, de maneira indistinta uma da outra.

O mérito do termo “jissance” de Lacan, como o vejo, é a alusão ao sexo, que permanece ausente na idéia de agonia. “Jissance” acontece quando a pulsão

(*Trieb*) freudiana está em ação. Acontece no nível mais íntimo da vergonha, um nível existencial – é assim que entendo as palavras do Sr. Miller.

Suponho que possamos pensar, baseados no Sr. Miller, em dois níveis de vergonha: o social, o mesmo descrito por Piers, envolvendo o ego-ideal, e o nível primitivo, o efetivamente íntimo, como o Sr. Miller indica, que está presente na mera experiência de existir com *Trieb*, na experiência de ver o mundo, e o Outro, com impulsos de *Trieb*, e ser visto dotado de *Trieb* muito pessoal, singular.

VERGONHA

- (1) SOCIAL :: INADEQUAÇÃO COM O EGO-IDEAL (PIERS)
- (2) PRIMITIVA :: EFETIVAMENTE ÍNTIMA, RELACIONADA COM VER E SER VISTO NA SINGULARIDADE DE *TRIEB*

Talvez essas distinções e nossa percepção da vergonha possam ser refinadas se consideradas em relação a noções chinesas como o “chi”, o “losing face” (perder a face) e os diferentes conceitos de face, “mien zi” e “lien”, que você apresentou. Elas também poderiam ser estudadas considerando o “haji” japonês, a respeito da dívida imensurável do “on”.

De qualquer maneira, poderíamos pensar na vergonha íntima e na culpa como estando em níveis separados, paralelamente a *Trieb* e desejo. Nesse caso, há algo mais que eu gostaria de acrescentar sobre o seguinte par associado, culpa e desejo.

É uma compreensão minha de que o desejo é interpessoal e, portanto, originado na cultura comum. Nunca é singular, pessoal. Ele opera com a influência dos outros, e avança com a lógica da identificação e da moda. Por isso ele é, por natureza, transgressivo (Freud): se você aprendeu a desejar algo com outras pessoas, seu desejo necessariamente será de algo que pertence a um outro (ou o Outro). Lacan disse, até mesmo, com referência à expressão de Rimbaud “Eu é um outro”, que “o desejo é o desejo do Outro”. Queremos o que os outros têm e, assim, queremos ser desejados pelo Outro (a frase de Lacan guarda esse duplo sentido). Pensando dessa maneira, eu facilmente entendo a associação feita por Miller entre culpa e desejo. Ambos são apreendidos em um plano simbólico, social, comunicacional. Em uma clássica leitura psicanalítica, temos culpa em desejar o objeto de amor do pai ou da mãe, no complexo de Édipo. A culpa pode ser inconsciente, mas é sempre suscetível de ser apreendida pela linguagem. Ela é facilmente definida no Direito, na moral e em diversos tipos de religião ocidental.

Vergonha, por outro lado, é radicalmente pessoal ou singular. Se o desejo funciona no nível da identidade (reconhecimento pelo outro; ser *idem*: idêntico a algo já conhecido pelo outro), a vergonha íntima emerge de baixo, surpreendente, desconhecida, porque está apoiada em distinção pessoal (não na identificação).

Não haveria vergonha da nudez se os corpos fossem lidos como sendo similares ou iguais. A vergonha da nudez é situada em nossos traços de pele, no fato de que, na intimidade, consideramos nossos corpos incomparáveis*, como nossas impressões digitais. Vistos de uma distância mínima, nós nunca somos comuns, normais e nunca completamente desejáveis – mas nos tornamos, para nossos parceiros e para nós, o lugar de “jussance”. Temos a experiência sexual exatamente no ponto em que encontramos nossa vergonha (muito apropriadamente, no português tradicional as partes sexuais do corpo eram chamadas “vergonhas”).

CULPA	VERGONHA
DESEJO	<i>JOUISSANCE E TRIEB</i>
CULTURAL, SOCIAL	SINGULAR, PESSOAL, PECULIAR
COMUNICACIONAL	NÃO-COMUNICACIONAL
ALGO É ROUBADO (OU QUERIDO)	ALGO É COMPARTILHADO COM O
DO OUTRO	OUTRO
TRANSGRESSIVO	SOLITÁRIO
MORAL	SEXUAL

Creio ser por isso que o Dr. Jorge Forbes tem desenvolvido trabalhos com os conceitos de vergonha e culpa bastante separados – tanto quanto pude acompanhar. Quando ele estudou a culpa, sua preocupação foi diferenciá-la da responsabilidade. Tentarei explicar os trabalhos dele sobre isto em minhas próprias palavras. Culpa é uma construção lógica (simbólica) apoiada na presunção de relação entre causa e efeito. Tendemos a nos sentir mais ou menos culpados conforme nossa cultura nos dê uma percepção mais forte ou mais tênue de causa. A expressão Latina *Mea culpa* pode facilmente ser entendida como “eu dei causa a isso”.

Mas nossa capacidade de estabelecer a relação entre causa e efeito, como uma mecânica simples, pode ser, e tem sido, posta em dúvida em muitos aspectos. Em um nível, filósofos, especialmente filósofos da ciência, duvidam dela. A ciência moderna, baseada em assunções de causa e efeito, é hoje apenas considerada válida se falseável (Popper). Talvez até a física contemporânea já não trabalhe mais com relações simples de causa e efeito (aqui, penso nas físicas quântica e das cordas, mas não tenho conhecimento substancial sobre elas). E a psicanálise, em minha opinião, está abandonando o determinismo elementar que justificaria o uso do conceito de culpa na clínica. Mas a psicoterapia inspirada em psicanálise ainda pode usá-lo.

O Dr. Laurent diz que apenas as psicoterapias tentariam tirar a culpa de um paciente. A idéia, penso eu, nas terapias, seria de nomear a culpa da pessoa, trazê-

* Na carta original, havia escrito “nossos corpos são incomparáveis”. Constatei depois que é em função de nossa cultura que os consideramos assim, e preferi revisar o texto de tradução (A.N., 20 de março de 2011).

la à consciência, e reinterpretar a cena descrita pelo paciente, deslocando a catexia da libido que estava tornando toda a situação desconfortável.

É sempre possível reinterpretar relações de causa e efeito. Portanto, o deslocamento é um remédio de uso ilimitado. O único problema dessa operação clínica é que ela não tem muito mais impacto, para uma pessoa culpada, que a simples desculpa social. Ela dispensa a culpa mas também leva embora a responsabilidade, que é uma bússola importante na conduta social. Sem responsabilidade, estamos em pista acelerada para a depressão e outros sintomas contemporâneos, como os transtornos compulsivos, o pânico e demais categorias que foram desenhadas nas últimas décadas pela psicopatologia psiquiátrica.

Eu mal consigo enxergar qualquer propósito psicanalítico em se deslocar a culpa de alguém. O Dr. Laurent dizia que os psicanalistas poderiam, ao contrário, simplesmente reconhecer a presença da culpa, e nunca perdoar. O produto disso foi profundamente estudado pelo Dr. Forbes. É a responsabilidade.

No Direito (creio que em ambas as tradições germânica e latina), ser responsável significa ter que lidar com ou pagar por algo, e não implica em qualquer relação de causa ou de culpa. É claro que o Direito torna as pessoas culpadas responsáveis por suas ações em muitas situações. Mas alguém pode ser responsável sem ter nada a ver com as causas fatuais, apenas porque o Direito faz uma conexão lógica entre a pessoa e o pagamento. Por exemplo: lojas podem ser responsáveis por substituir produtos defeituosos para os consumidores, mesmo que não tenham envolvimento com a produção. Pais serão economicamente responsáveis por quaisquer danos que seus filhos financeiramente dependentes causem a outros ao dirigirem carros.

A culpa é uma ficção sobre a realidade (porque causa-e-efeito é sempre uma interpretação falseável), enquanto a responsabilidade, no Direito, é apenas uma conexão artificial, arbitrária, que indica quem deve pagar por cada situação, na tentativa de restaurar a justiça, quando ela é perturbada.

Na psicanálise, porém, esta responsabilidade, simples e estritamente lógica, alcança um outro nível, ainda mais interessante. No trabalho do Dr. Jorge Forbes, a responsabilidade psicanalítica lida com o seguinte tipo de problema: o Sr. X está dirigindo à noite, e acaba de ocorrer um vazamento de óleo na rua. Ele está plenamente atento enquanto dirige. Não corre, e seu carro está em perfeita ordem. Mas logo após uma curva ele chega ao óleo no asfalto, o carro derrapa e atropela duas pessoas em um ponto de ônibus. Ambas morrem. No julgamento, o Sr. X é considerado inocente e, portanto, não responsável juridicamente. Está livre. Mas como ele lida com o fato de que duas vidas terminaram bem ali, no capô de seu carro? Que tipo de culpa inconsciente pode advir do acidente? Há ao menos uma culpa, muito elementar, por existir e estar lá. Sr. X terá pensamentos acusadores, de ódio; pode ficar perturbado pela imagem do acidente ou por sonhos com ela. Seu

inconsciente vai continuar trabalhando sobre a ocorrência. Sr. X terá que pagar por ela como sujeito que é do inconsciente. Lacan concluiu: “por nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis”.

Isto leva Dr. Forbes a afirmar que, na perspectiva psicanalítica, não somos apenas responsáveis por aquilo a que damos causa, mas também por nosso acaso, nossas circunstâncias, as condições de vida que não foram escolhidas, nossas fantasias e sintomas, sonhos e tudo aquilo a que estivermos sujeitos.

Então, não vale em nada tirar a culpa. Se uma pessoa acredita em uma ficção de causa-e-efeito sobre a realidade, que é sua própria interpretação da realidade (na consciência ou não), é melhor essa pessoa ser responsabilizada por sua autoria, e aceitar quaisquer preços que lhe sejam cobrados, elaborando a angústia conectada à ficção, ao invés de deslocar sua atenção da angústia.

Na maneira como compreendo o trabalho do Dr. Forbes, ele não negará a presença de uma linguagem conseqüente em nós. Culpa é um efeito da linguagem e, portanto, da interpretação de alguém sobre o mundo. Os pacientes em psicanálise podem experimentar o uso da linguagem, a ocorrência de pensamentos e a escolha de discursos, porque os pacientes perceberão a linguagem como conseqüente. A linguagem é a ferramenta primária para o trato do desejo – e para haver satisfação nas relações interpessoais.

Retirar a culpa, como abordagem terapêutica simples, enfraquece o acesso de uma pessoa (pela linguagem) a seu próprio desejo.

Ainda, o Dr. Laurent indicou que “provocar vergonha” era uma maneira de cristalizar a culpa. Então, na prática clínica, podemos usar a vergonha para induzir responsabilidade. E poderíamos até esquecer, em minha opinião, a noção de culpa.

A *vergonha* seria, afinal, o conceito mais operativo para ser associado a responsabilidade.

Baseada em minhas leituras de Lacan, penso que a vergonha pode ser considerada como efeito da singularidade, e podemos entender singularidade como algo qualquer em nós que não seja apreensível por nossas identificações comuns, por nomes comuns, ou, enfim, pela própria linguagem.

É por isso que a vergonha pode ser muito íntima. Em seu nível mais extremo, ela não é comunicável, porque é baseada no próprio *incomum* – de onde vem o *Trieb*.

Na maneira como Dr. Forbes desenvolveu o conceito, a vergonha não pede desculpas. Ela não é traduzível, no nível simbólico, em uma demanda por compreensão e reintegração – que são dadas pelo perdão. Valores e leis regulares (ou a linguagem) não conseguem assimilar a singularidade humana.

Conseqüentemente, a singularidade precisa ser suportada por uma outra ética, que não esteja submetida aos critérios de normal versus transgressivo (ou anormal).

Lacan deixou-nos uma indicação sobre qual ética poderia suportar a singularidade (e a anormalidade) em 1970 (Seminário XVII), quando tomou referência na história de Vatel e falou sobre relações de *honra*.

François Vatel era cozinheiro e mordomo do Príncipe de Condé, no século 17. Era habitualmente responsável pela recepção da nobreza francesa e do rei Luís XIV. Em história conhecida na cultura francesa, ao final do terceiro dia de um luxuoso serviço para o rei e um número grande de nobres, Vatel percebe que sua encomenda de peixes não chegará em tempo para o almoço, e suicida-se em seu quarto, atravessando o corpo com a própria espada. (Diz a história que o peixe chegou um momento depois). Há um filme sobre este episódio, com o ator Gérard Depardieu, 2000, de Roland Joffé.

Claro que as melhores referências que a cultura ocidental tem para *honra* vêm dos tempos pré-modernos, dos séculos 16 e 17. Especialmente dos dias aristocráticos que precederam a Revolução Francesa. O Oriente é muito mais rico em referências para relações de honra, de antes e de hoje, e agora estou muito curiosa para aprender sobre essas referências.

Quando Lacan fala de vergonha, em 1970, diz que é o único afeto que merece a morte. Em seus trabalhos, ele traça uma distinção entre duas mortes: uma é biológica, a morte do corpo, e a outra simbólica: a pessoa pode recobrir sua vergonha com uma morte honrada, como fez Vatel.

Há circunstâncias e contingências que permitem a uma pessoa morrer com honra ao invés de viver na vergonha. A morte por honra não pode acontecer a qualquer momento. É um pacto com o acaso.

Se nenhuma de nossas atividades merecer a morte, resta uma sensação de futilidade na vida. Mas, como dito, para algo merecer a morte, condições muito singulares são necessárias. Assim Lacan comentou, sobre a morte: “Se ocorresse agora, pois bem, seria a única forma de merecê-la. Seria a chance de vocês. Se não ocorresse (...) resta-lhes então a vida como vergonha a engolir, porque não merece que se morra por ela” (Sem. 17, p. 173).

Esta discussão põe em relevo o ambiente ético para a singularidade. Sociedades organizadas em torno de relações de honra têm o grande benefício de permitir a singularidade das pessoas – que não encontra muito espaço quando as relações são normalizadas por critérios industriais e científicos.

A honra é uma resposta (ou cobertura) simbólica para a singularidade. Como as folhas de figo postas sobre “vergonhas” das estátuas gregas. Honra é o

passaporte, no nível genérico da linguagem, para o que é absolutamente pessoal, indescritível, inescusável, de alguém viver de acordo com seu *Trieb* arbitrário.

Quando o Dr. Jorge Forbes a estudou, um exemplo ilustrativo – que ele encontrou junto com o professor de filosofia Renato Janine Ribeiro – estava no livro de Alexandre Dumas *Os Três Mosqueteiros* – como mencionei antes para você.

É a história do jovem D'Artagnan, viajando a Paris para se tornar mosqueteiro para o rei. Quando ele chega à cidade, em condições inesperadas, coloca os três mosqueteiros mais célebres em situações embaraçosas (no caso de Aramis, D'Artagnan expõe um lenço escondido que denunciava um caso amoroso do mosqueteiro). Não era intenção de D'Artagnan causar problemas, foram apenas conseqüências de maus encontros, mas os três mosqueteiros o desafiam para duelos individuais, para restituir suas honras.

D'Artagnan, reconhecendo os códigos daqueles tempos, sabe que não cabem escusas para os desencontros. Terá que lutar, um após o outro, com os melhores: Athos, Porthos e Aramis. Apenas se desculpa, previamente, para o caso de a morte impedi-lo de chegar ao segundo ou ao terceiro duelos. Por entender a ética de honra, na qual as obrigações advêm de contingências e acasos, mesmo contra vontade, sem explicações possíveis, D'Artagnan se dispõe aos duelos, e daí parte a amizade que fará dele mosqueteiro.

De acordo com o Dr. Forbes, honra é o que o processo de uma psicanálise deve conceder a uma pessoa. Honra é o arranjo simbólico do nível mais íntimo e indescritível da vergonha e da singularidade. Com brilhantismo, ele indicou que a honra veste-se de luxo. Então, luxo é o arranjo imaginário tanto da honra como da vergonha. Seu seminário de 2003 teve por título “Vergonha, Honra, Luxo”, e deu origem a uma análise do crescimento dos hábitos de luxo (e consumo) no mundo ocidental. Eu trabalhava para ele na época, quando empresas e universidades pediam consultoria.

A vergonha seria de um nível *real*, inacessível, apenas franqueado por uma lógica *simbólica* da honra e pela cobertura *imaginária* do luxo. Assim, encontramos a composição dos três níveis propostos por Lacan para pensarmos a clínica psicanalítica: real, simbólico e imaginário. RSI é o título do 22º seminário de Lacan.

CULPA
UMA CONCLUSÃO
FICCIONAL SOBRE
A REALIDADE,
BASEADA NA
MORAL, NO
DIREITO OU NA
RELIGIÃO
(SOCIAL)

RESPONSABILIDADE
UMA ATRIBUIÇÃO ARTIFICIAL
NÃO RELACIONADA COM QUALQUER APREENSÃO DA REALIDADE

RESPONSABILIDADE NO DIREITO
ALCANCE RESTRITO
DITADA PELA LEI
GERAL
LEGAL
BASEADA EM CONCEITOS DE JUSTIÇA
PRODUZ JUSTIÇA (TALVEZ)
IMPUTADA PELAS CORTES

RESPONSABILIDADE EM PSICANÁLISE
ALCANCE IRRESTRITO (É ILIMITADA)
DITADA PELA SUBJETIVIDADE
SINGULAR
LÓGICA
BASEADA NA HIPÓTESE DO INCONSCIENTE
PRODUZ HONRA!
ANALISTAS MOSTRAM-NA AOS
ANALISANDOS

O trabalho “Vergonha, Honra, Luxo” foi a interpretação do Dr. Forbes de um novo pacto social para o chamado tempo pós-moderno, em que paradoxos entre culturas coexistentes desafiam os valores ocidentais tradicionais, de moral paterna (edípica).

No Ocidente, tem sido muito notada a decadência da moral que originalmente codificou o complexo de Édipo. Nesse contexto, há mais de dez anos, o Dr. Forbes percebeu que precisávamos de uma clínica para sintomas não-edípicos, sofrimentos não-codificados que não pudessem ser interpretados pela linguagem, mas que pudessem ser capturados pela vergonha – como ele afirmou em 2003.

Até onde entendo, há uma lista de sintomas contemporâneos que se tornaram epidêmicos no Ocidente, de acordo com a psiquiatria (da medicina baseada em evidências, para ser exata). Estes sintomas são compulsão por comida ou bebida, anorexia e bulimia, vício em jogo, pânico, compulsões amorosas, fracasso escolar (para as crianças) ou drogadições, e há outros. Não podem mais ser explicados e interpretados na lógica do Édipo, como eram em uma sociedade mais regulada e hierárquica. Tentar tratar drogadições associando-as com pulsões orais freudianas, por exemplo, não produz mais o efeito de *insight*, quando se trata da geração Y, ou da cultura pós-moderna global (talvez a maneira como nomeamos o contexto contemporâneo não seja muito relevante). Esses sintomas atuais proporcionam às pessoas uma diversão da angústia, sem recorrer a uma estrutura simbólica. É o que o Dr. Forbes percebeu.

Então, se os clínicos quisessem abordar esses sintomas provocando responsabilidade pessoal, o que a mera medicação não tem possibilidade de alcançar, em 2003 perceber-se-ia, seguindo os estudos do Dr. Forbes, que “fazer

vergonha” seria o gesto de partida. A vergonha ajudaria os pacientes a situarem-se na vida e encontrar soluções singulares em tempos em que a libido, a sexualidade ou o desejo não encontrassem mais uma regulação normal (e geral) de qualquer moral uniforme. É claro que a singularidade radical que reside na vergonha não proporciona uma ponte para a adequação e a normalidade. A vergonha não conduz ao auto-controle ou ao fortalecimento do ego. Ela conduz apenas à honra.

CULPA	VERGONHA
PEDE PERDÃO, REINTEGRAÇÃO E	AFIRMA SINGULARIDADE, SEM REINTEGRAÇÃO OU
COMPREENSÃO	COMPREENSÃO POSSÍVEIS
É SIMBÓLICA	É REAL (LACAN), NÃO CAPTURÁVEL PELA LINGUAGEM
COLETIVA	PARTICULAR
BASEADA NA NORMALIDADE	ANORMAL
COMPATÍVEL COM MUNDOS	COMPATÍVEL COM RELAÇÕES DE HONRA
REGULADOS,	INACESSÍVEL A QUALQUER PSICOPATOLOGIA GERAL
COM A PSICOPATOLOGIA CIENTÍFICA	
(NORMAL)	
(COMO O MUNDO INDUSTRIAL)	

Há uma última imagem de honra que eu gostaria de mostrar a você. Está nas palavras finais da maravilhosa peça de teatro *Cyrano de Bergerac*, de Rostand. Dr. Forbes recorda essas palavras.

Cyrano está para morrer, e fala com a morte:

CYRANO: Eu creio que ela está olhando... que ela ousa olhar o meu nariz, esta Morte. [*Cyrano tinha um nariz enorme. Então, ergue sua espada e fala diretamente para a morte*]: O que você diz? Que é inútil? Eu sei! Mas nós não lutamos na esperança de sucesso! Não! Não! É ainda mais bonito porque é inútil! Todos esses aí, o quê são vocês? Vocês são mil? Ah! Eu reconheço vocês. Todos os meus inimigos! A Mentira! (Ele golpeia o vazio com sua espada): Tome isso! E isso! Ah! O Compromisso, os Preconceitos, a Covardia! (Ele golpeia): Que eu me entregue? Jamais, jamais! Ah, aí está você, Estupidez! Eu sei bem que, no final, você me levará baixo. Não importa. Eu luto! Eu luto! Eu luto! (Ele golpeia em grandes círculos e pára, ofegante): Tome tudo de mim, os louros e as rosas! Tome tudo! Apesar de você, tem ainda uma coisa que levarei comigo quando, esta noite, eu entrar na corte de Deus, e, em reverência, atravessar o limiar azul. Uma coisa eu levo comigo, sem mancha ou mácula. Levarei comigo, a seu despeito... (Ele vem à frente, a espada alta) Eu levarei... (A espada cai de sua mão; ele cambaleia e cai nos braços de Le Bret e Ragueneau).

ROXANE (dobrando-se e beijando sua testa): O quê?

CYRANO (reabre os olhos, a reconhece e diz, sorrindo): Meu *panache*.

(tradução livre do francês, baseada no e-texto de Sue Asscher, em www.gutenberg.org/dirs/1/2/5/1256/1256-h/1256-h.htm)

O *panache* (a pluma) no chapéu, na aristocracia francesa, era símbolo de honra, coragem e boas maneiras. Cyrano confrontou a morte com *panache* – e essa atitude em relação à morte oferece uma referência simbólica singular a partir da qual a pessoa pode rebater uma ética para a vida.

Este é o fundamento que trago comigo, enquanto leio seu artigo. Neste ponto, penso que você possa imaginar como fiquei entusiasmada por suas palavras, percebendo que uma experiência clínica substancial chegará a nós sobre vergonha e honra, conforme a psicanálise se desenvolva em solo asiático.

Vergonha é um conceito chave para a clínica contemporânea do Ocidente (assim aprendi com o Dr. Forbes), e também para a eficácia da psicanálise na Ásia, como você me fez notar. É a melhor ponte que vejo para nós.

Sei que os estudos que temos aqui sobre vergonha e honra ainda não chegaram ao Japão, embora a psicanálise lacaniana tenha sido apresentada no Japão há muitas décadas. Pela informação que pude encontrar, a psicanálise ainda luta por uma pequena existência lá, sem entusiasmo, e sofrendo pela mesma forma de vergonha que você descreve em seu artigo: pelos pacientes, vergonha de assumirem que possam querer tratamento, e de submeterem-se a ele. Deve haver intervenções que lidem com isto.

Se me permite dizer, minha primeira e imediata idéia é que a vergonha descrita é social. Ela pode ser desacreditada e traduzida em uma vergonha singular, que capture a pessoa de maneira surpreensiva, abrindo espaço para novas associações (espero), e fortalecendo o engajamento com o processo psicanalítico. É claro que é sempre fácil imaginar cenas clínicas assim...

De qualquer modo, posso ver que há muita reflexão importante por ser feita nesse nível clínico da vergonha, para a qual sua experiência em Taiwan é mais que muito preciosa. Espero que possamos seguir esta conversa a respeito.

Uma última informação: desde 2006, tenho me dedicado à pesquisa do processo criativo porque entendo que profissões criativas incorporam perfeitamente, em nossas sociedades, hoje, a ética de honra. Criadores como designers industriais, *chefs* de cozinha, cineastas, *webdesigners*, artistas plásticos e gráficos, músicos, todos vivem em regimes e comunidades aristocráticas – se eles já encontraram seus caminhos em suas profissões.

Quando o Dr. Forbes falou sobre sintomas conseqüentes dos paradoxos morais da contemporaneidade, eu podia ver que as pessoas que não estavam se queixando da decadência dos velhos valores eram aquelas que conseguiram escapar à banalidade

ao honrarem-se através da criatividade. Todos os duelos, as premiações, os ambientes, o posicionamento relativo à honra estão retornando, no Ocidente, nos campos criativos. O trabalho com criatividade não tem mais relação com o capitalismo industrial. Mesmo a concorrência é re-concebida, diferentemente, para artistas e designers.

Escrevi um livro que apresenta a ética de vida de quatro dos maiores criadores brasileiros, e editei mais de quarenta horas de entrevistas com pessoas que estudam criatividade ou vivem dela, aqui. O livro está às vésperas da publicação. Mas vejo a ética aristocrática também nos esportes – e esportes, como o trabalho criativo, são uma tendência maior entre as novas gerações.

Eu não tinha notado uma linha condutora entre todos estes estudos, nem a conexão entre minhas pesquisas atuais e meu interesse no Oriente, até ler seu artigo. Fico muito contente que você o tenha enviado. Espero que essas idéias não cheguem a você como muitas ou muito bagunçadas. “Bu hao yi si” pelo inglês ruim em uma carta longa ;-). Espero que você possa compartilhar meu entusiasmo. Nesse instante, isso tudo me dá idéia de que deveria escrever a relação entre criatividade e vergonha/honra. Nunca tentei antes.

Obrigada de todo coração!
Fei chang gan xie,

Andréa